

## Coleta de recicláveis: uma questão ainda desafiadora na capital paulista



Recicla Sampa



Luciney Martins/O SÃO PAULO



Recicla Sampa

**Daniel Gomes\***

Em meio à crescente cultura do descarte de seres humanos excluídos e de coisas que se convertem em lixo quando poderiam ser recicladas ou reutilizadas (cf. *Laudato si'* 22 e 180), a cidade de São Paulo convive com o desafio de impulsionar a coleta de recicláveis e sua correta destinação.

Entre 2022 e 2023, a coleta seletiva feita porta a porta pelas concessionárias Loga (nas regiões Centro, Norte e Oeste) e Ecourbis (Sul e Leste) cresceu 28%, passando de 70,2 mil toneladas para 90,3 mil toneladas, conforme dados da SP Regula, a agência reguladora de serviços públicos do município.

A Secretaria Municipal das Subprefeituras, por meio da Secretaria Executiva de Limpeza Urbana (Selimp), aponta que em 2024 foram coletadas 114 mil toneladas de entulho em vias públicas, e 80 mil toneladas de resíduos na Operação Cata-Bagulho (que percorre os bairros mensalmente). Também nos 129 ecopontos da cidade, houve a entrega de 315 mil toneladas de resíduos: pequenos volumes de entulho (até 1 m<sup>3</sup>), volumosos (como móveis e colchões) e recicláveis.

Em entrevista ao **O SÃO PAULO**, Mauro Haddad, diretor da SP Regula, disse que desde outubro do ano passado a capital paulista alcançou a universalização na prestação do serviço de coleta seletiva nos 96 distritos, e que saltou de 20 para 30 o número de cooperativas habilitadas a receber recicláveis, sendo o excedente desti-

nado às centrais mecanizadas de triagem de resíduos.

“Com a renovação dos contratos em junho de 2024, o primeiro investimento que as duas concessionárias fizeram foi na universalização da coleta seletiva. Antes, em alguns locais dos distritos não havia essa coleta”, explicou Haddad.

### Constatação da realidade

Apesar dos avanços nos indicadores, moradores, representantes de associações de bairro e catadores autônomos ouvidos pela reportagem (leia nas páginas a seguir) afirmam que o caminhão de coleta seletiva não passa semanalmente, como é informado nos sites da Loga (<https://www.loga.com.br>) e da Ecourbis (<https://www.ecourbis.com.br>), e que há recorrência de acúmulo de lixo comum, recicláveis e volumosos em pontos viciados de descarte irregular.

“Nos locais em que mais recentemente se iniciou a coleta de recicláveis, foi feita uma divulgação porta a porta, mas a comunicação nunca chega a 100% das pessoas. Há também o fato de que algumas saem cedo de casa e só voltam no fim da tarde, e não veem o caminhão passar. A informação dos dias e horários, porém, está disponível nos canais digitais, mas nada impede que façamos um reforço de divulgação”, afirmou Haddad, assegurando ainda que os caminhões coletores são equipados com GPS para fiscalizar o cumprimento do itinerário, e que caso o cidadão verifique falhas pode formalizar a reclamação no Serviço 156.

Em nota à reportagem, a Pre-

feitura de São Paulo lembrou que o descarte irregular de resíduos/lixo é crime ambiental, sujeito a multa de até R\$ 25 mil e prisão. Em 2024, foram aplicadas 898 multas, totalizando quase R\$ 9 milhões. No mesmo ano, a Selimp afirma ter realizado 814 ações de conscientização ambiental na cidade.

### Coleta em condomínios e em ocupações

A reportagem também questionou Haddad sobre questões pontuais da operação. Uma delas refere-se à coleta de recicláveis em condomínios, pois é comum que, especialmente nos construídos há mais tempo, haja apenas um espaço para o acúmulo de lixo, e não raro são os coletores autônomos que separam os recicláveis assim que são colocados nas ruas.

“Hoje, há muitos atores em busca dos resíduos, como os coletores individuais, as cooperativas e até empresas especializadas na coleta de recicláveis. Estamos tentando entender melhor esse novo mercado para poder incrementar e melhorar a coleta. O recente contrato prevê o estudo de um novo modelo de coleta seletiva, também considerando essa questão dos condomínios”, explicou o diretor da SP Regula, detalhando que os condomínios podem, via contrato com a Prefeitura, obter um contêiner próprio para os recicláveis.

Outra situação mapeada pela reportagem refere-se à não coleta de recicláveis nas ocupações habitacionais, resultando no acúmulo de resíduos diversos na frente desses locais. “Esse morador tem muito mais

dificuldade com o reciclável, porque muitas vezes está em submoradias e sem espaço para separar ou guardar o material. Temos feito coletas específicas nessas comunidades, algumas até aos domingos, principalmente de lixo comum. Fazer a coleta seletiva nelas é ainda mais desafiador, pois se colocamos um contêiner, o material não permanecerá até a Prefeitura chegar, pois haverá quem o recolha antes. Por isso, também temos buscado identificar iniciativas que peguem esse material, como as cooperativas e *startups*”, detalhou Mauro Haddad.

### Fiscalização e conscientização

O diretor da SP Regula comentou sobre o desafio de consolidar o hábito da separação do resíduo reciclável: “Esse engajamento deve ser permanente para que as pessoas entendam que é importante separar o lixo por questões financeira, ambiental e social, pois gera emprego e renda para os catadores”.

Haddad assegurou, ainda, que as duas concessionárias que prestam serviço na cidade contam com equipes de conscientização ambiental e que a SP Regula tem feito ações conjuntas com as Secretarias de Educação e do Verde e do Meio Ambiente. “Estamos constantemente nas escolas, levando informação às crianças, para que elas a repassem em casa”, exemplificou, destacando ainda as parcerias com empresas, faculdades, entidades de bairro e igrejas para conscientizar as pessoas sobre os benefícios da coleta seletiva.

\*Jornalista e redator-chefe do **O SÃO PAULO**



Recicláveis em ponto viciado na Rua Ushikichi Kamiya, no Jardim Fontalis; ocupação habitacional próxima ao número 4.500 da Avenida Deputado Cantídio Sampaio também acumula resíduos

## Nas periferias das zonas Norte e Noroeste, lixo comum, recicláveis e volumosos se acumulam em vias públicas

Daniel Gomes\*

Quem anda pelos extremos das zonas Norte e Noroeste de São Paulo tem se deparado com sacos de lixo comum e de varrição, bem como recicláveis e volumosos pelas calçadas e praças, conforme relataram ao **O SÃO PAULO** moradores de alguns bairros.

Emídio Vicente Neto vive no Jardim Elisa Maria, no Distrito da Brasilândia, desde 1972. À reportagem, ele afirmou que constantemente os bueiros estão entupidos e que há sacos de lixo de varrição em pontos de ônibus e de lixo comum pelas esquinas. Sobre a coleta de recicláveis, assegurou: “Eu nunca vi passar o caminhão de recicláveis aqui na minha rua, a Agenor Alves Meira, e se está passando em outras, acredito que pouca gente saiba, porque não há divulgação por parte da Prefeitura”.

Ele comentou, ainda, que em anos anteriores teve problemas para entregar itens nos ecopontos da região. “Eu fiz umas reformas aqui em casa, coloquei o entulho na perua, fui aos eco-

pontos e não aceitaram. Muita gente passa pelo mesmo problema e alguns, que não têm muita consciência social e ambiental, acabam deixando no meio da rua mesmo”, lamentou.

### ‘Não passa caminhão de reciclagem aqui’

No bairro vizinho, o Jardim Damasceno, Quintino José Viana, fundador do Movimento Ousadia Popular e ativista ambiental, relatou problemas similares: “Até hoje não passa caminhão de reciclagem aqui, e o de lixo comum a gente nunca sabe o horário certo que vai passar”.

Ainda segundo Quintino, essa falta de regularidade no serviço resulta em outros problemas: “Muitos catadores reviram o lixo somente para tirar o que querem e o resto jogam no chão. Daí a Prefeitura vem para fazer a varrição das ruas no máximo duas vezes por mês, o lixo vai se acumulando, para nas bocas de lobo, e depois polui os riachos e rios”.

O líder comunitário também mencionou o acúmulo de lixo, re-

cicláveis e volumosos em pontos viciados na região e em frente às ocupações de moradia, nas quais os caminhões de coleta não entram.

Para tentar mudar este cenário, Quintino tem buscado conscientizar os moradores em palestras educativas: “Reciclando, a gente vai salvar a terra, evitar a erosão, não vai prejudicar nossas águas, nem nossa saúde, e ainda vai gerar emprego para o povo”.

### Sem coleta de recicláveis e com muitos pontos viciados

Moradora do Jardim Fontalis, no Distrito Jaçanã/Tremembé, Maria Madalena Figueiredo separa em casa os resíduos que podem ser reciclados, mas garante: “Aqui não passa o caminhão de coleta de recicláveis uma vez por semana como diz a Prefeitura”.

Diante disso, a conselheira de saúde e de habitação entrega os recicláveis a catadores autônomos. Alguns deles também fazem o serviço de recolher os volumosos – como móveis e colchões –, mas é comum encontrar tais itens nos pontos viciados de des-

carte, os quais, segundo ela, são amplificados pelo fato de os caminhões não entrarem para fazer a coleta do lixo comum nem a do reciclável nas ocupações habitacionais.

“A própria população não respeita o meio ambiente. Nas encostas e nos morros que beiram as ruas há muito lixo acumulado”, lamentou. Maria Madalena assegurou haver ao menos quatro pontos viciados de lixo na Rua Ushikichi Kamiya, a principal via do bairro: “A gente já conversou com os moradores sobre isso, já fizemos panfleto, mas não adianta”.

Segundo ela, de tanto alguns moradores ligarem para o Serviço 156, a Prefeitura, por vezes, tem feito a limpeza dos pontos viciados, mas não demora muito para que se verifique o acúmulo de lixo novamente. “Esta é uma questão de educação ambiental. A Prefeitura precisa fazer algo nesse sentido, além de nos atender corretamente, mas o povo também tem de fazer a sua parte”, concluiu.

\*Jornalista e redator-chefe do **O SÃO PAULO**

## ‘O catador pode ser um agente de transformação e de educação’



Arquivo pessoal

Aos 8 anos de idade, ao ver as condições financeiras de sua família, Alexandre Domingos (foto) começou a coletar recicláveis para revender. Hoje, com 48 anos, ele é referência na luta por melhorias para esta categoria profissional da qual muito se orgulha.

No Distrito do Jaçanã/Tremembé, na zona Norte de São Paulo, Alexandre é mobilizador social da ONG Pimp My Carroça, que atua pelo reconhecimento social e melhorias aos catadores de material reciclável, por meio do projeto Coletando com Cidadania, realizado na Associação Mutirão, no Jardim Filhos da Terra, pelo qual cerca de 30 catadores autônomos participam de cursos com o apoio da Rede Sul - Coopercaps e da Tetra Pak.

“Eles trabalham carregando apenas uma sacola, pois a topografia daqui é muito íngreme. Não temos dúvidas de que o catador, em seu território, pode ser um agente de transformação e de educação quando está munido de conhecimento”, avaliou.

“Muito morador se incomoda com o acúmulo em ruas e vielas dos resíduos que ele mesmo gerou. E se não existe uma gestão do resíduo, especialmente nos lugares de difícil acesso, em que o caminhão de coleta nem chega, se estabelece esse problema que é comum nos extremos da cidade. Por isso, ter o catador de material reciclável como agente neste território é uma boa solução”, analisou.

Alexandre, que participa de diferentes atividades de educação ambiental, destaca ser fundamental que o poder público invista em educação para a cultura de reciclagem. “Mas não basta só uma avalanche de informações. É preciso uma educação que gere atitudes. Quando você visita uma central de triagem de recicláveis e sente o cheiro ruim, entende que somente falar para as pessoas separarem os recicláveis não adianta. Elas ainda não adquiriram a cultura de limpar a embalagem do que consumiram”, exemplificou, destacando que a eficácia das

ações de reciclagem não deve ser mensurada apenas pelo volume de material coletado pelas concessionárias.

O catador de recicláveis também defendeu que a Prefeitura e as concessionárias façam parcerias com esses profissionais para a entrega de recicláveis e volumosos nos ecopontos: “Acredito que 90% dos recicláveis na cidade são recolhidos pelos catadores autônomos. Estamos em todos os territórios e conhecemos os bairros onde moramos e trabalhamos”.

Por fim, ele lembrou que entre as consequências prejudiciais do descarte incorreto de resíduos estão a formação dos pontos viciados de lixo e o acúmulo de volumosos próximos a corpos de água e áreas verdes. Para quem tem muitos recicláveis ou volumosos para ser descartados, Alexandre recomenda o uso do *App Cataki*, desenvolvido pela Pimp My Carroça, pelo qual é possível contratar diretamente um catador de material reciclável cadastrado na plataforma. (DG)

# Na zona Leste, o lixo ainda é um ‘vizinho indesejado’

Jennifer Silva\*

Reconhecida como a região mais populosa da capital paulista, a zona Leste ainda enfrenta grandes desafios quanto ao descarte irregular de lixo e à coleta seletiva de resíduos.

Esta também é a percepção de André Silva, morador da Vila Prudente e membro do Movimento de Defesa das Favelas. Ao **O SÃO PAULO**, ele afirmou que apesar de a coleta seletiva ser apresentada atualmente como universalizada na cidade, na prática muitas áreas permanecem descobertas, especialmente periferias e favelas.

“Os maiores desafios enfrentados por moradores, catadores e cooperativas têm muito a ver com a falta de incentivos, comunicação limitada, ausência de clareza e de informação sobre a coleta seletiva. Nos bairros mais estruturados, isso já acontece com melhor qualidade, mas nas periferias, o uso de caçambas e a ausência de coleta porta a porta dificultam a implementação da coleta seletiva. A universalização ainda não é uma realidade”, apontou.

André destacou que para impulsionar a coleta seletiva, “é fundamental aumentar o número de cooperativas, valorizar os catadores avulsos e garantir-lhes o pagamento pelos serviços prestados. Melhorar a coleta seletiva não é só destinar material, mas dar dignidade, renda e qualidade de vida às pessoas envolvidas”.

Para ele, a mensagem central é de responsabilidade e cuidado: “Inspirado no Papa Francisco e no conceito da *Laudato si*, precisamos entender que esta é nossa casa, nosso planeta. Do micro ao macro, cada ação conta: desde não jogar um papel na rua até compreender a logística reversa e cobrar responsabilidades”.

## Entender os fatores que dificultam a reciclagem

Para Cristiano Cardoso, 40, catador de material reciclável há duas décadas, a falta de educação ambiental da população e a invisibilidade enfrentada pelos catadores continuam sendo os principais empecilhos para o avanço da coleta seletiva na zona Leste. Outro complicador, segundo ele, é a falta de financiamento adequado para modernizar as cooperativas.

Cristiano destacou que a atenção a esses fatores pode solucionar a problemática da falta de coleta seletiva adequada, especialmente se considerado que os grandes caminhões não conseguem entrar nas regiões mais periféricas e que são os próprios catadores que, dentro de suas limitações, ajudam a minimizar o impacto do acúmulo de lixo no território.

Outro ponto destacado pelo catador é que a população ainda não compreende o que de fato é reciclável, o que dificulta a separação correta dos resíduos. Além disso, a participação da comunidade no tema ainda é tímida.

Segundo ele, o engajamento das pessoas varia



Lixo comum, recicláveis e entulhos acumulados na Rua Dianópolis, Vila Prudente

conforme o perfil social e, para mudar esse cenário, é preciso que haja investimento em ações concretas em universidades, escolas e empresas da região: “Quando o tema entra nesse ecossistema, as pessoas começam a entendê-lo mais e o impacto positivo virá aos poucos”.

## Fortalecer a comunidade

A Fundação Tide Setubal, presente na zona Leste há 20 anos, é responsável pelo gerenciamento do projeto Recicla Lapenna. A iniciativa busca fortalecer a coleta seletiva, promover a educação ambiental e gerar renda para catadores e cooperativas locais.

Segundo Marcelo Ribeiro, gerente de projetos estratégicos da fundação, o Recicla Lapenna conecta ações comunitárias já existentes e potencializa o engajamento dos moradores, diante da necessidade de crescimento da compreensão e de práticas que coloquem o tema da coleta seletiva no centro das discussões.

“Apesar dos avanços, a coleta seletiva ainda enfrenta desafios estruturais. Muitas áreas permanecem desassistidas e a infraestrutura pública é insuficiente, sobrecarregando catadores e cooperativas. A conscientização ambiental também é um ponto crítico, e a falta de informações acessíveis e de coleta regular dificulta o engajamento da população”, comentou.

Para Marcelo, a solução está no envolvimento de todos: “Cada atitude conta para transformar nosso território. Separar corretamente os resíduos, reduzir desperdício e apoiar iniciativas locais fortalece a economia circular e gera oportunidades para todos”, expressou.

\*Jornalista e repórter especial do **O SÃO PAULO**

## TORNE A RECICLAGEM PARTE DE SUA VIDA

- 1º Faça uma limpeza mínima no item a ser reciclado, retirando sobras de alimentos ou de líquidos;
- 2º Certifique-se de que o reciclável esteja seco. Um papel com óleo, por exemplo, poderá “contaminar” os demais, ou seja, sujar itens que estavam prontos para ser reciclados;
- 3º Sempre que possível, compacte o reciclável: amasse as latinhas, tire o ar das garrafas plásticas, desmonte e dobre as embalagens e papéis;
- 4º Se for incluir vidro quebrado entre os recicláveis, coloque-o em embalagens de leite ou garrafas plásticas e escreva sobre seu estado. Por exemplo, “vidro quebrado”;
- 5º Coloque os recicláveis em um saco separado e de cor diferente daquele do lixo comum.

## ATENÇÃO:

Pilhas, baterias, remédios, óleo de cozinha, roupas, lâmpadas, eletrônicos e pneus **não devem** ser descartados com os recicláveis. Saiba para onde destiná-los no *site* do Recicla Sampa, na aba resíduos especiais.

## OUTRAS POSSIBILIDADES:

O descarte dos recicláveis também pode ser feito nos 129 ecopontos e nos diversos Pontos de Entrega Voluntária (PEV's), aquelas grandes caixas-box instaladas em alguns locais com intensa movimentação de pessoas, como praças, parques, avenidas e estações de trem e metrô.

Para mais dicas e informações sobre a coleta de recicláveis:

<https://www.reciclasampa.com.br/>



## Celebrar com sustentabilidade

A 99ª Festa de Nossa Senhora Achirópita marcou o início de uma parceria desta paróquia no bairro do Bixiga com a Loga e o Instituto Soul do Plástico, que resultou em uma estratégia sustentável ancorada nos pilares da capacitação da equipe para separação de resíduos e no engajamento dos visitantes por meio de mensagens no som e telão com conteúdo educativo. A coleta de resíduos ganhou amparo técnico com a SP Regula, e a Loga, além de coletar os materiais, encaminhou os recicláveis para processamento automatizado em suas unidades parceiras.

# Nas cooperativas de reciclagem, o 'lixo' muda destinos

Roseane Welter\*

Você já parou para pensar em quanto tempo um resíduo descartável desaparece do meio ambiente? Um papel jogado no chão, por exemplo, pode levar até seis meses para se decompor; um plástico, meio milênio; o alumínio, cerca de 200 anos; o ferro, até uma década; e o vidro pode atravessar até 4 mil anos sem se desfazer.

Quando ganha destino certo, porém, o que parecia lixo vira oportunidade de preservação ambiental e de geração de renda para muitas famílias.

## Ganhos para a natureza e para 380 cooperados

As cooperativas de reciclagem são peças-chave na gestão de resíduos em São Paulo. Além de ajudarem na redução da quantidade de lixo que vai para os aterros sanitários, elas transformam toneladas de materiais descartados em oportunidade de emprego, renda e inclusão para populações historicamente marginalizadas.

Este é o caso da Coopercaps, fundada há 22 anos. "O objetivo inicial era substituir o trabalho de tração humana por condições mais dignas. Com o tempo, a cooperativa ampliou sua atuação e hoje emprega 380 cooperados em cinco centrais de triagem espalhadas pela cidade: a matriz, situada em Interlagos; as duas centrais mecanizadas, Carolina Maria de Jesus e Ponte Pequena; e em Paraisópolis e Jurubatuba", explicou Telines Basílio do Nascimento Júnior, presidente da Coopercaps.

Carioca, como é mais conhecido, disse que a capital paulista ainda convive com inúmeros pontos de descarte irregular: "Próximo ao Autódromo de Interlagos, por exemplo, entulho e resíduos de construção civil se acumulam. A Prefeitura inten-

sificou a fiscalização e já apreendeu caminhões que despejavam resíduos de forma clandestina, mas a prática continua e exige conscientização e engajamento da população".

Ele reforça que o descarte incorreto traz inúmeros riscos: "Quando você não faz o descarte adequado, contribui para enchentes, entupimento de bueiros, degradação do meio ambiente, criação de pontos viciados de lixo e proliferação de roedores, gerando vetores de doenças".

Na zona Sul, a coleta seletiva de recicláveis é feita pela concessionária Ecourbis, que encaminha os resíduos

para cooperativas credenciadas. Em 2024, as cinco unidades da Coopercaps processaram 23 mil toneladas de recicláveis, cerca de 2 mil toneladas por mês.

## Trabalho e construção de sonhos

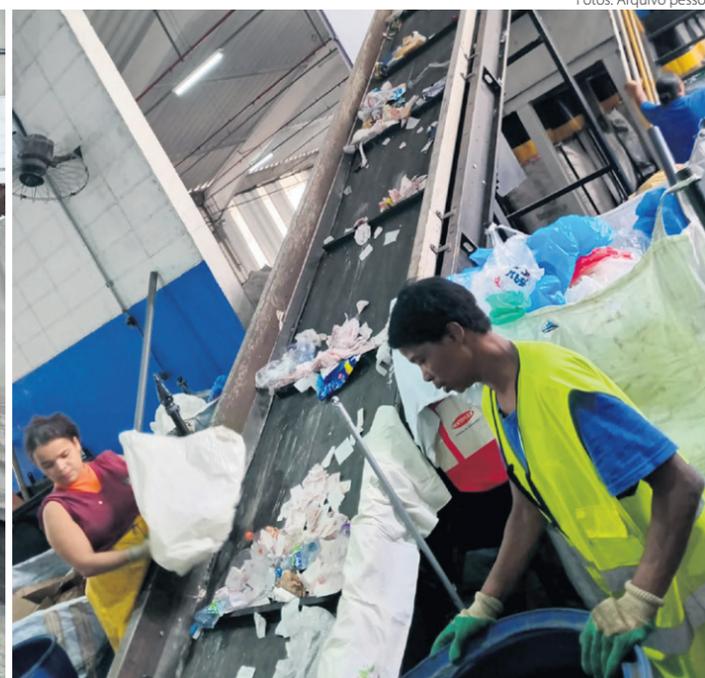
Kátia Regiane da Cruz, 45, moradora da Vila da Paz, na zona Sul, encontrou na Coopercaps uma oportunidade para mudar de vida. Para ela, o trabalho com a reciclagem tornou-se a base para a realização de sonhos que antes pareciam distantes.

"Com o trabalho na cooperativa, realizei meu maior sonho: minha casa própria. Criei meus filhos com

o que, para muitos, é lixo, mas para minha família é fonte de sustento. Meu filho mais velho e minha nora também trabalham na cooperativa e já estão levantando a casa deles", relatou Kátia.

"Aqui na Coopercaps, recebemos de tudo um pouco: madeira, plásticos, móveis velhos, colchões, tecidos, entulho, espelhos, entre outros. Muita coisa que iria parar no aterro ganha o destino certo com a gente, ajudando a cidade e o meio ambiente", assegurou a cooperada.

\* Jornalista e repórter especial do O SÃO PAULO



Fotos: Arquivo pessoal

Há 22 anos, a cooperativa Coopercaps atua no ramo da reciclagem em São Paulo, tendo hoje 380 cooperados, entre os quais Kátia Regiane

## 60 cooperativas são apoiadas pela Prefeitura

Em nota à reportagem, a Prefeitura de São Paulo informou que a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho apoia 60 cooperativas de reciclagem por meio do programa SP Coopera, que oferece suporte técnico, jurídico e financeiro. "Destas, 30 são habilitadas e recebem resíduos da coleta seletiva municipal, acompanhamento de especialistas para capacitação e formação, equipamen-

tos de proteção individual, além de benefícios como pagamentos de aluguel, luz e água. As demais estão em fase de incubação, período qualificador que enquadra iniciativas não formalizadas ou que ainda não atendem a todas as especificações de habilitação do programa. Estas são apoiadas por meio de acompanhamento de especialistas em diversas áreas, suporte técnico, assessorias jurídica, contábil, ambiental, entre outras".

## O desafio para que a reciclagem esteja nos hábitos de vida



Arquivo pessoal

No Jardim Miriam, na zona Sul da capital paulista, Enai Ferreira Dantas, 53, relata que a coleta do "lixo útil" ocorre às sextas-feiras, mas são poucos os moradores que separam seus recicláveis.

"E como não há lixeiras de coleta seletiva, o cenário é de sacos rasgados e itens espalhados. Em meio à desordem, há pequenos gestos de cuidado: meu irmão, que é professor, limpa sozinho um grande escadão próximo à casa da minha mãe a cada 15 dias, usando luvas e enfrentando a sujeira deixada pela madrugada", contou Enai.

A auxiliar de enfermagem avaliou que a atitude do irmão é um ato de amor pelo bairro e pelo meio ambiente. Para ela, o sucesso na coleta de recicláveis depende mais da consciência dos moradores do que da passagem dos caminhões de resíduos.

Morador do Jardim Ângela, também na zona Sul, Gabriel Nazaré da Paixão, 25, afirmou que em seu bairro as pessoas costumam separar o reciclável do orgânico, recolhidos em dias alternados: o orgânico às terças, quintas-feiras e sábados; e o reciclável às segundas e quartas-feiras, em horários que variam entre a noite e a madrugada.

Gabriel disse que sua mãe reaproveita parte do resíduo orgânico para adubar as plantas, um hábito que, segundo ele, ajuda o meio ambiente e que retorna positivamente para a sociedade como um todo.

O jovem lamentou, porém, ser comum "encontrar sofás, móveis velhos, restos de obra e sacos de entulho abandonados em esquinas. Os moradores tentam conter o descarte com cartazes pedindo que não se jogue lixo". (RW)



*'Um percurso de desenvolvimento produtivo mais criativo e mais bem orientado poderia corrigir a disparidade entre o excessivo investimento tecnológico no consumo e o escasso investimento para resolver os problemas urgentes da humanidade; poderia gerar formas inteligentes e rentáveis de reutilização, recuperação funcional e reciclagem'*

(Papa Francisco, Laudato si' 192)

